



**ST11. ENSINO DE HISTÓRIA INTERFACES ENTRE O ENSINO SUPERIOR E A EDUCAÇÃO BÁSICA**

759

**TECENDO EXPERIÊNCIAS: UMA DESCRIÇÃO DAS VIVÊNCIAS NO PERÍODO DO ESTÁGIO DE OBSERVAÇÃO.**

*Ramsés Nunes e Silva*<sup>1</sup>

*Alan Tassio Galdino*<sup>2</sup>

*José Eudes Ferreira da Silva*<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo descrever as experiências vivenciadas durante período de estágio de observação por dois graduandos do Curso de Licenciatura Plena em História. A experiência do estágio supervisionado foi realizada na E. E. E. Fundamental e Médio Francisca Martiniano da Rocha, cidade de Lagoa Seca no Estado da Paraíba. Metodologicamente se delimitou observar as possibilidades e os desafios de ensino que o professor de História enfrenta rotineiramente no ambiente escolar. Desafios esses, que remetem o crivo das condições estruturais, do baixo-estima de alguns educandos, da questão disciplinar e didática. Para tanto, se observou, diretamente, os aspectos didáticos disponibilizados e utilizados pelo professor de História do oitavo ano. Diante disso, a experiência possibilitou entender como o processo de ensino e aprendizagem pode se tecer a partir da *criatividade no cotidiano* e do comprometimento que *o ensinar exige* do professor, mesmo diante de uma série de desafios contundentes no Ensino Básico.

**Palavras-chave:** Ensino. História. Desafios.

## INTRODUÇÃO

O objetivo do artigo é descrever as experiências vivenciadas durante período de estágio de observação por dois graduandos do Curso de Licenciatura Plena em História. Assim, durante o período de fevereiro a junho de 2014 na respectiva sala, 7º série (oitavo ano) de estágios emergiram problematizações acerca das possibilidades e desafios que o professor de História enfrenta, uma vez que, metodologicamente se

<sup>1</sup> UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) Dr. Ramsés Nunes e Silva, professor vinculado ao departamento de História.

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura plena em História, UEPB (Universidade Estadual da Paraíba).

<sup>3</sup> Graduando em Licenciatura plena em História, UEPB (Universidade Estadual da Paraíba). Trabalho vinculado ao componente curricular: estágio supervisionado I.

observou pelos graduandos o desinteresse de alguns alunos concernentes ao estudo de História.

Nesse sentido, se formulou inquirições, a saber, por que havia a desmotivação pessoal de um grupo de alunos concernentes àquela disciplina? E como enfrentar esse e, outros desafios, além de quais as possibilidades de tornar o ensino de História mais atraente para todos os adolescentes daquela sala?

Portanto, pautado nessas inquirições se atentou para as condições estruturais e didáticas oferecidas pela E.E.E.F.M. Francisca Martiniano da Rocha bem como a utilização do material pedagógico utilizado pelo professor. Assim, o trabalho está organizado em dois momentos, a nosso ver, principais, um primeiro que busca descrever os desafios do ensino na escola e sala de aula observada e, um segundo momento que atenta para os aspectos didáticos disponibilizados e utilizados pela profissional.

## DESAFIOS DO ENSINO

Segundo Paulo Freire, (1996, p. 47) o educador comprometido deve ter em mente “Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, a curiosidade, as perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho [...]”.

Sabemos que educar não é uma tarefa fácil, não é como sentar em uma cadeira e acessar as redes sociais. Educar exigir pesquisa, criticidade, respeito aos saberes dos educandos, risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, exige o reconhecimento da identidade cultural dos educandos, exige bom senso, curiosidade, alegria e esperança, educar é compromisso e, exige também apreensão da realidade, segurança, liberdade e autoridade, bem como saber escutar, ter comprometimento e disponibilidade para o diálogo, Freire (1996).

Antônio Nóvoa (1999, p.15) na apresentação da obra História da Pedagogia de Franco Cambi afirma que:

O mínimo que se exige de um educador é que seja capaz de sentir os desafios do tempo presente, de pensar a sua ação nas continuidades e mudanças do trabalho pedagógico, de participar criticamente na construção de uma escola mais atenta as realidades dos diversos grupos sociais.

Para além das habilidades que o educador de História e de outras áreas do conhecimento deveria ter, aparece na vida cotidiana desses profissionais uma pluralidade de desafios a serem vencidos, a serem enfrentados por todos os educadores da disciplina e, também alunos e funcionários da instituição E.E.E.F.M. Francisca Martiniano da Rocha.

Como primeiros desafios observados e constatados, podem situar de pressuposto: cadeiras quebradas<sup>4</sup> ausência de ar-condicionado ou mesmo ventiladores. De fato, materializar um ambiente onde fosse propícia a aprendizagem era um desafio claro, pois uma miríade de empecilhos era contundente.

Deve-se considerar que as condições físicas da escola e das respectivas salas de aula não eram das melhores, pois existiam infiltrações nas mesmas, especialmente onde foi realizada a experiência do estágio, salas de sétima série oitavo ano.

Por outro lado, para além das questões físicas estruturais, convém ressaltar que foi constada logo nos primeiros dias de estágio a ausência de livros de História pela maioria dos alunos. O motivo pelo qual esses não receberam o material didático foi que, aquele chegou bastante atrasado em relação ao início do ano letivo e, portanto, a disposição do livro passou a ser por empréstimo na biblioteca sendo ao termino de cada aula devolvido.

Nessa perspectiva, além do acesso a pesquisa do conhecimento histórico via biblioteca outra possibilidade de pesquisa dentro da escola seria pela internet na sala de computação, porém, a maioria dos aparelhos estava sem funcionar. Nesse sentido, as condições de trabalho encontradas na instituição levaram a crer ser uma das premissas de causa que potencializava o desinteresse daqueles alunos ao estudar os conteúdos históricos: as sociedades do passado e suas de diversas formas de manifestação da cultura.

Por outro lado, outros desafios se apresentaram contundentes durante o estágio, entretanto acreditamos que isto não esteja ligado apenas ao ensino público, por exemplo, o fato de muitos alunos afirmarem que não se identificam com a disciplina de História, o que nos possibilita afirmar que muitos discentes respaldam suas vidas num imediatismo, em mundo do aqui e agora, influenciados pela a mídia, os meios de comunicações como, por exemplo, as redes sócias. Assim, não se enxergando muitas vezes como agentes e sujeitos de uma sociedade cada vez mais complexa. Tal atitude seria um empecilho, para a formação de uma consciência critica histórica. Tal como afirma Cerri (2011) que ao viver apenas o presente o individuo tende a reproduzir a condição atual – com todas as suas mazelas – pela ausência de sujeitos interessados em tentar fazer as coisas de outra forma. Tendo assim, a disciplina de História um papel fundamental para a formação de jovens e crianças.

<sup>4</sup> Fotografias da E.E.E.F.M. Francisca Martiniano da Rocha, Lagoa Seca-PB



Também, as experiências do estágio de observação propiciou observar realidades que estão aparentemente na maioria das salas de aula do ensino básico e até mesmo, esporadicamente, em cursos superiores às quais professores de História enfrentam, bem como demais educadores de outras áreas do conhecimento. Trata-se de conversas paralelas, brincadeiras e piadas dos alunos.

Sobre os educandos desmotivados pelo estudo da disciplina, muitos insistiam como constatado, por exemplo, em usarem fones nos ouvidos (o que era advertido), entrar e sair da sala frequentemente. Contudo, estes pequenos casos tiveram de ser tratados. Nesse sentido, constatamos a maneira como a educadora de História Maria de Fátima Porfírio<sup>5</sup> enfrentava as situações diversas.

Assim, a educadora agia de maneira peculiar, pois “Na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal” (FOUCAULT, 2011, p.171). Desta forma, ela procurava diminuir o fluxo de entrar e sair da sala com faltas para os ausentes, separava os conversadores, nesse ponto, semelhantes e, em outros, diferentes.

Diante disso, pode-se afirmar que há uma miríade de desafios que, somente imersos no calor da ação, percebe se o quão é dinâmico a prática pedagógica. Com efeito, Perrenoud (2002, p.33) afirma:

No fogo da ação pedagógica, temos pouco tempo para meditar, refletirmos, principalmente para decidir o passo seguinte: interromper ou não uma conversa, iniciar ou não um capítulo antes do final da aula aceitar ou não uma desculpa, punir ou não um aluno indisciplinado.

Embora Perrenoud (2002) tenha ressaltado o que está sob o crivo da subjetividade, da reflexão do professor, convém destacarmos a clareza que se percebeu durante as aulas, na maioria das vezes, utilizando-se das táticas de Certeau (2002), a educadora iniciava um conteúdo historiográfico, no entanto, ao invés de prestarem atenção, alguns alunos começavam as brincadeiras que, inclusive, nada tinha haver com as aulas. Diante disso, a docente parava a explicação do conteúdo e chamava a atenção dos alunos, iniciando uma reflexão sobre referenciais éticos e morais.

O “puxão de orelha”, ou melhor, as advertências morais por um lado surtiam efeito, pois alguns educandos, muitas vezes, se autos reconheciam em seus comportamentos prometendo contribuir com as aulas de História e, não mais estorvar o trabalho da profissional. Por outro lado, existiam resistências ao “bom” comportamento ético, desafiando, muitas vezes, as normatividades da educadora. Diante desse cenário, Foucault (2011, p.172) afirma:

[...] a disciplina traz consigo uma maneira específica de punir, e que é apenas um modelo reduzido do tribunal. O que pertence à penalidade disciplinar é a inobservância, tudo o que está inadequado à regra, [...] os desvios.

---

<sup>5</sup> Professora da E.E.E.F.M. Francisca Martiniano da Rocha.

Estes desvios eram punidos; ao invés da gratificação, a sansão, ou seja, os exercícios para os “maus” comportados foram intensificados, multiplicados, às vezes, repetidos e os pais desses alunos notificados.

Portanto, trabalhar numa sala com adolescentes, heterogêneos, em que todos passam por transformações para fase adulta, torna-se um grande desafio para todo educador, especialmente de História. De fato, os desafios passam pelo crivo precípua de lidar com a diferença de idade, de classe, de credo, de gênero e de valores múltiplos.

## **ASPECTOS DIDÁTICOS DISPONIBILIZADOS E UTILIZADOS PELA PROFISSIONAL**

Ao longo do estágio, a docente Maria de Fátima Porfírio desenvolveu aulas pautando-se nas diferenças entre os alunos, nas suas peculiaridades, pois tinha na sala de aula alunos que afirmavam gostar de músicas, outros, de jogos (eletrônicos ou não). A educadora buscava atender as múltiplas condições de uma maneira, muitas vezes, tática, como afirma Certeau (2002) essa habilidade, na maioria das vezes, possibilita improvisar, inventar e reinventar as operações do cotidiano.

Assim, pensando nos amantes da música, foi realizada uma aula na qual todos os que tivessem um instrumento musical qualquer podiam trazer em dias marcados para cantar músicas como: “Saquear Brasília”, da banda Capital Inicial e outras letras cantadas por bandas como: “Legião Urbana” e “Engenheiros do Havai”, uma vez que são músicas de grande criticidade.

Nesse caso, o resultado foi como esperado, não apenas naquele grupo que não gostava de história e só queriam escutar músicas, mas em toda sala, pois como foram marcados dias de aula para músicas, alguns trouxeram guitarra, outros violão e flautas e, assim foi realizada uma oficina; ao término de cada música eram problematizadas as letras e alguns conceitos de historicidade. Portanto, a música fomentou nos alunos seus interesses pela seara de significados históricos contidos nas letras, bem como possibilitou, como observado, a imersão dos alunos no mundo cultural da arte pela História.

Nessa perspectiva, observamos como a educadora criava uma situação que melhorasse sua prática pedagógica. Provavelmente, fruto de um planejamento, de uma reflexão prospectiva ou retrospectiva como afirma Perronoud (2002). Assim, para a minoria que gostava de games, foi pensado pela educadora o jogo Tríade, um game que, mediando o processo ensino-aprendizagem da História, visava possibilitar a imersão dos alunos no universo do século XVIII, especialmente, na Revolução Francesa, despertando nos alunos o desejo de aprender de forma lúdica e prazerosa.<sup>6</sup>

Os resultados da experiência didática acima ficaram impossibilitados pelas condições de trabalho oferecidas pela instituição disciplinar, pois não havia como desenvolver aulas pautadas no jogo Tríade, uma vez que esse deve ser instalado no Windows dos computadores e, conforme foi constatada, a maioria dos aparelhos estava

---

<sup>6</sup> Jogo disponível para downloads em: <http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/triade/projeto.htm>

tecnologicamente ultrapassado, ficando assim, apenas como tarefa de casa a leitura histórica do jogo, mas claro, restrita apenas aos que tinham acesso a ele.

Nesse contexto, os games juntamente com outras tecnologias como, por exemplo, o cinema, a música como citamos são hoje recursos didáticos pedagógicos para o ensino não só de História, mas de outras áreas do conhecimento, pois se tem mostrado cada vez mais a eficácia no processo de ensino aprendizagem com alunos do nível não só fundamental como médio.

Assim, as tecnologias voltadas para o mundo dos games e da música foram se inserindo, avançando e adentrando nos campos da educação, mais precisamente nas salas de História, como vimos, permitindo formas inovadoras de ensino.

A articulação das novas tecnologias com o ensino em História é relevante, contudo, o papel do professor é fundamental para a eficácia desta técnica pedagógica, uma vez que, juntamente com o desenvolvimento de seus métodos aproveitará melhor seu horário em sala de aula, horário este que as escolas muitas vezes não possuem. Assim, o objetivo do professor deve ser de direcionar a apreensão dos conteúdos através das diversas técnicas dinamizando assim suas aulas.

Nessa perspectiva, constatou-se também a utilização didática de outro jogo, mas não eletrônico e de melhor acessibilidade dentro da escola. O xadrez foi base para uma aula bastante criativa utilizada pela educadora de História. Para introduzir e discorrer sobre a temática da idade média utilizou-se este jogo como recurso didático-pedagógico. Pesquisas como a de Resende (2013) revela a eficácia do xadrez, sua capacidade de desenvolver nos alunos algumas habilidades como atenção, memória, raciocínio lógico, inteligência e a imaginação.

O xadrez auxiliou as aulas de História na medida em que foi explicada a política e a sociedade medieval a partir das peças do jogo; por exemplo, o rei e a rainha são representantes do sistema monárquico bem como o bispo representa a Igreja Católica apostólica romana, torres são nada mais do que os castelos medievais, símbolo de poder real e de nobreza os cavalos demonstram que foram animais bastante utilizados nas guerras que houve naqueles tempos, assim, os peões podem ser os servos e súditos da monarquia.

Figura 01. Fotografia de uma aluna da E.E.E.F.M. Francisca Martiniano da Rocha.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do estágio supervisionado I foi enriquecedora, uma vez que, foi possível vivenciar diretamente a realidade de uma escola pública no interior da Paraíba. Pudemos perceber a complexidade e dificuldades encontradas na prática de lecionar em um sistema público de educação. Considerando a escola analisada, constataram-se os muitos desafios como, por exemplo, à ausência de uma estrutura salutar que pudesse desenvolver o ensino de História.

Durante os dias de estágios realizamos a observação direta, enquanto método, e constatamos a maneira pedagógica da educadora ficando claro a sua capacidade de lidar com a diferença, os alunos com suas exigências, seus anseios, “desânimos” e desejos. Esta condição de perceber nos alunos as diferenças reflete seriamente a parte profissional da educadora que instrumentalizou uma didática consciente, não apenas pautada na transmissão de conteúdos sem se preocupar com as condições dos educandos e com a construção do conhecimento dos mesmos, negando seus anseios e dificuldades. Tendo em mente que cada aluno é singular, e que nem sempre as mesmas estratégias pedagógicas funcionariam de mesma forma para todos, constatamos que uma prática pedagógica contrária à utilizada pela educadora não traria tanto êxito no processo de formação dos educandos, pois não atenderia a todos.

Diante disso, a experiência possibilitou entender como o processo de ensino e aprendizagem pode se tecer a partir da *criatividade no cotidiano* e do comprometimento que *o ensinar exige* do professor mesmo diante de uma seara de desafios contundentes no ensino básico, tendo por referência a escola analisada.

## REFERÊNCIAS

- CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: UNESP, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 32. ed. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis-RJ: Vozes, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor**: profissionalização e razão pedagógica; trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- REZENDE, Sylvio. **Xadrez na escola**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna Ltda, 2013.
- SITES

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA: o grupo de pesquisa Comunidades Virtuais da UNEB. Disponível em: <<http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/triade/projeto.htm>>